

# O SENSO DO PASSADO

Sergio Buarque de Holanda

**P**RONUNCIADA em São Paulo à inauguração de um curso sobre a história da arte barroca no Brasil, a palestra que vamos reproduzir aborda um tema que já debatido em mais de um destes comentários, é de permanente atualidade em nossos dias. E' o seguinte o seu texto:

Convidado, não há muitos dias, para dizer duas palavras na inauguração do curso organizado pelo Clube dos Artistas e Amigos da Arte sobre a história do barroco no Brasil, fui ontem surpreendido com a notícia, nos jornais, de que deveria pronunciar nada menos do que uma conferência inaugural sobre esses assuntos. A notícia colheu-me de todo desprevenido e sem preparo para abordar um tema de que o verdadeiro conferencista, professor Lourival Gomes Machado, vos entreterá com sua constante e segura competência.

Ficarei, pois, tanto quanto possível, nos termos do convite inicial. Não irei fazer uma conferência, nem precisarei tentar o elogio de quem me seguirá neste curso. O zelo e o devotamento com que ele se vem entregando ao estudo dos vários aspectos do problema do barroco e, além disso, aos da arte moderna, asseguram desde já a eficácia e o valor das suas palestras. E é bem de caso pensado que associe aqui, ao interesse que lhe inspira a arte dos nossos dias, a atenção nada menor que despertam nêle, as expressões estéticas de há dois ou de há três séculos.

Deixarei de referir-me a essa aproximação inúmeras vezes sugerida entre o espírito dos tempos atuais e o da era barroca. Mesmo porque ela se apoia, a meu ver, numa interpretação mal fundada de certas aparências. Penso apenas nessa espécie de ilusão desastrada que trata de ver uma contrariedade e incompatibilidade fundamentais entre a evocação ou o estudo do passado e o interesse permanente pelos fatos e problemas dos nossos dias.

Historiador, ao menos por inclinação intelectual e também por profissão, tenho sido muitas vezes abordado acerca do paradoxo que haveria no estimar-se e apreciar-se com o mesmo fervor as manifestações artísticas — e não somente artísticas — do passado e as do presente. Não existiria flagrante incongruência entre as duas atitudes: uma presa às formas transatas, estabilizadas e estabilizadoras; outra atenta a expressões ainda instáveis e em muitos casos revolucionárias?

**M**INHA resposta inevitável é de que não existe um tal paradoxo, pois, para o verdadeiro historiador, as duas tendências não se contradizem, antes se enlaçam e se completam. A evocação de

tempos idos reclama, sem dúvida, um sentimento vivo daqueles tempos, bastante vivo para criar entre o observador e observado, entre o historiador e o objeto da história, essa corrente de simpatia que há de animar toda verdadeira compreensão.

Mas o sentimento que comandará a inteligência e boa interpretação do passado é, por si mesmo, sereno e inclusivo. Fixando determinada era, ele não cuida de destacá-la das demais, em particular da era presente, para colocá-la sobre um pedestal perene. Busca, ao contrário, situá-la na corrente móvel dos acontecimentos, inseri-la no curso da História, justamente da História que se alimenta da diversidade dos tempos e das coisas.

Estamos aqui nos antipodas do sentimentalismo, que, este sim, é naturalmente exclusivo e não tolera partilhas. Quando queremos sentimentalmente uma coisa ou uma época, queremos-la com exclusividade e ciúme, contra as outras coisas e contra as outras épocas. Por isso repito que o sentimentalismo histórico é o que há de mais avesso ao senso do passado. Não é próprio do historiador, mas do mau antiquário.

O próprio do historiador não está em querer ver e enaltecer o passado no presente ou vice-versa, mas em reconhecer e estimar as formas diferentes que se sucedem através dos tempos. Conservar, restaurar, procurar entender o patrimônio histórico de cada povo é, sem dúvida, uma das grandes e gratas missões do historiador. Refazer, porém, o presente, nos moldes do passado, de um passado que escolhemos e arbitrariamente isolamos para convertê-lo em norma insistente, é contrariar e é trair essa missão. Assim, quando mandamos fabricar algum traste segundo as linhas que prevaleceram no Renascimento, no Barroco, no Rococó, estamos provocando um simples pastiche. Ao historiador cumpre denunciar tais falsificações, a fim de que possam valorizar-se as formas puras e autênticas. As de ontem como as de hoje.

Ninguém menos apto, em realidade, para conhecer e valorizar o passado do que aquele que voluntariamente fecha os olhos à sua época, às solicitações e aos estímulos do mundo que o cerca. De um dos maiores historiadores dos últimos tempos — Henri Pirenne — refere-nos seu amigo e companheiro Marc Bloch que, chegando ambos, certa vez, a Estocolmo, ouviu-o dizer, mal se instalaram no hotel:

— Que faremos agora? Parece-me que acabaram de construir um magnífico prédio para servir de paço municipal. Vamos vê-lo antes de mais nada.

E logo depois, como se quisesse prevenir algum movimento de surpresa, tratou de acrescentar:

— Se eu fosse um antiquário, só me interessariam as casas e as coisas antigas. Mas eu sou um historiador.

**N**ESSA faculdade de apreender e mtudo a vida presente, o mundo presente, está, com efeito, uma das qualidades dominantes no historiador.

E' claro que uma solidariedade fundamental associa, uns aos outros, os diversos momentos da história. Mas essa solidariedade não se pode forçar nem anular impunemente. Ela prevalece mesmo onde nos parece mais remota e é ela quem, muitas vezes, preside as mais audaciosas renovações. O senso do passado é uma necessidade. Não é um dever. Ele pode estar em nossas veias, não se acha certamente em nosso cérebro. E' um cego engano pensar que estamos mais perto de nossos avós quando escolhemos, para nela residir, uma casa de arquitetura neo-colonial, como se diz, ou neo-barroca, e nos rodeamos de perfeitos fac-similes do austero mundo que os rodeara. Só a cegueira pode esconder-nos que nesse caso estamos suscitando um ambiente feito de contrafações e

pastiches, bem ao contrário dos nossos modelos, que viviam em sua realidade sempre presente e viva.

Esse tradicionalismo caprichoso não é um produto; é, sim, um substituto, substituto inadequado, da legítima tradição. Nada lembra melhor esse empenho dos que querem ressuscitar um passado já morto, empenho em que se inspiram tantos artificios neo-clássicos ou neo-barrocos de nossos dias, do que o afã dos homens sem passado que buscam nobilitar-se a qualquer preço mandando forjar para si linhagens imponentes e brasões pomposos. Não é a sua uma arte inspirada



na tradição, mas no ressentimento e no desejo de compensação. Arte de novo rico, que na falta de um passado real, trata de oferecer-nos uma simulação do passado.

Tudo isso cai a propósito quando assistimos, hoje, a um renascer do interesse pelo Barroco, que facilmente pode degenerar numa espécie de sentimentalismo do Barroco. E é bom que esse estilo de arte e de vida, tão vinculado às nossas origens, seja elucidado; qui e agora por historiadores verdadeiros. Ou seja, por homens que procurem bem conhecer o nosso tempo e que, desse modo, conquistaram os melhores títulos para conhecer, interpretar e valorizar o passado.

Para remessa de livros:  
Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).